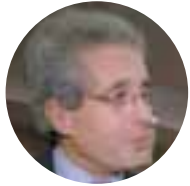




O MARCO VISTO A PARTIR DA MANSÃO EM CONSTRUÇÃO DO AUTARCA



AVELINO FERREIRA TORRES
6 O A N O S

Nascido em Janeiro de 1945, em Amarante

Presidente da Câmara de Marco de Canaveses há 22 anos

Único autarca membro do Senado do CDS/PP (órgão criado como “instância moral do partido”) que foi eleito seis vezes

Actual candidato independente à Câmara de Amarante

Condenado por peculato, interpôs recurso, ainda pendente

Investigado neste momento pela Polícia Judiciária por irregularidades financeiras

Duas mães e duas filhas estão a deitar mãos à terra. Aqui, “cultura é a do feijão e das couves”, segundo o dito lendário do presidente Avelino Ferreira Torres, e não serão elas a desmenti-lo. Nem as mães, que ao liceu não chegaram, nem as filhas, que desistiram do liceu para deitar mãos à terra.

É um ciclo tão antigo como as pedras deste lugar, Vinheiros, freguesia de Soalhães, concelho de Marco de Canaveses. Assim o arredonda Maria Adelaide, 44 anos, mulher miúda e seca, encostando a enxada ao queixo: “Em Março, Abril, batata. Em Maio, feijão e milho. Depois é sachá-lo, regá-lo, arranjà-lo, cortá-lo, desfolhá-lo, até Outubro. Depois colheitas. E há o gado para pensar...” Para pensar? “Deitar-lhe de comer”, esclarece a filha, Paula. “Pensar a vaca é pensar na vaca...”

A semear batatas com os seus jeans de feira, cabelo apanhado em duas tranças curtas, ganchos coloridos, olhos no chão, sorriso a medo, Paula é bonita como as raparigas que são bonitas de qualquer maneira. Tem 17 anos. Fez a primária e abandonou a escola no 6º, três anos antes da conclusão da escolaridade obrigatória. “Apanhou uma anemia, tive de a tirar”, justifica a mãe. “Desde então, ajuda-me. Já tentou arranjar trabalho, mas está difícil. Fábricas, aqui, já fecharam umas poucas, de confeções...”

O irmão de 24 anos, electricista, ganha a vida no Marco, mas a irmã de 19 foi para o Porto, onde é empregada num armazém.

É uma manhã de Primavera muito cedo. Este lugar são montes, casario disperso entre penhas e giesta, viúvas de avental e lenço a esfregar roupa num tanque, mães e filhas que começam de madrugada a semear o que comem, mas não chega para vender.

E lá em baixo, ainda coberta por uma neblina, está a cidade, com o seu Estádio Avelino Ferreira Torres, a sua Avenida Avelino Ferreira Torres, o seu gabinete de presidente à prova de bala, os seus parquímetros policiados e todos os T0 a T5 com garagem que provam que Deus existe e é construtor civil — pois onde é que no Porto se ar-

ranjam quatro assoalhadas a estrear por 14.500 contos?

Não são contos que Maria Adelaide e a sua vizinha Maria Ilda se ponham a fazer, aqui em Vinheiros. Vivem nas casas que foram construindo, aos poucos, em campos que estão na família. Este nico de terra à beira da estrada, por exemplo, é do pai de Maria Adelaide.

Aos maridos cabe trazer dinheiro para casa. O de Maria Adelaide “corre mundo à roda, é vendedor de material eléctrico, de Coimbra até à Espanha”, com lucro variável. O de Maria Ilda faz fornos em chapa, ganha 90 contos por mês, não mais. É por isso que a filha, Natália Marisa, 14 anos, vai deixar a escola este ano. “Pois claro que é por dinheiro”, diz a mãe.

Natália está a contar com a tropa para resolver o futuro. “Faço agora o 9º ano e vou arranjar emprego. Se não conseguir, fico a ajudar a minha mãe na terra até aos 18. Depois já posso ir para a tropa e estudar para ser polícia.”

O irmão de 17 anos largou a escola também no 9º. “Não quis seguir”, resume Maria Ilda, encolhendo os ombros. “Para quê? Ao fim, não ajeitava emprego que se visse. Foi trabalhar numa serralharia a fazer grades de ferro.”

Mães e filhas põem-se a desfiar o rol dos que não chegam ao fim do secundário.

Natália: “Na minha turma somos 26 e só quatro ou cinco é que vão continuar...”

Maria Adelaide: “Os meus outros filhos também saíram com o 9º...”

Maria Ilda: “12º, aqui, só a Cláudia... a Filipa... e a Teresa... Isto, em muita moçada que para aí há, uns 30...”

Maria Adelaide: “E vários só ficaram na 4ª classe...”

Paula: “A Fernanda nem a 4ª fez...”

Não são excepções. Marco de Canaveses é o quinto pior concelho do país a nível de abandono escolar e saída antecipada, com percentagens que representam o triplo e o dobro, respectivamente, da média nacional.

Segundo os números mais recentes do Ministério da Educação, a taxa de

abandono escolar — indivíduos dos 10 aos 15 anos que não concluíram o ensino básico e não se encontram a frequentar a escola — é de 8,3 por cento (média nacional: 2,7); a taxa de saída antecipada — indivíduos dos 18 aos 24 anos que não concluíram o ensino básico e não se encontram a frequentar a escola — é de 52,5 por cento (média nacional: 24).

Um problema invisível na biografia “Ferreira Torres, o Homem, o Presidente” — da autoria de A. Sanhudo Portocarreiro (pseudónimo de um marcoense), e editada pelo próprio Ferreira Torres (Marco de Canaveses, 2000) —, empenhadamente enaltecedora do homem que há 22 anos conduz o concelho, esse “arquitecto sem curso”, “rasgador de horizontes”, “hércules de corpo e alma”.

A meio destas 500 páginas, o que Avelino Ferreira Torres diz sobre o ensino básico (uma sua “paixão como presidente da câmara” dentro da “paixão pessoal” que é a educação) é que foram

Chama aos rivais “ratazanas e toupeiras”, “ratos que só andam de noite”, “cães ranhosos”

construídas “desde 1983 até hoje 12 novas escolas”. Sendo certo que é o Estado que constrói os edifícios, “é bom que se saiba que a câmara dá o terreno, pelo que em cada caso a edilidade acaba por investir avultadas somas”. Em suma, havendo ainda “aqui, como em todo o lado, muito

para fazer”, “Marco de Canaveses é, sem dúvida, um exemplo para o panorama educativo nacional”.

Se o critério fosse o betão. As novas escolas de nada adiantaram a Natália, a Paula e a todos os seus colegas que abandonam o ensino por razões económicas, perpetuando um ciclo familiar de pobreza e falta de qualificação profissional. Novas escolas são crescimento. Alunos que se mantenham nelas são desenvolvimento. Um impasse que os críticos de Avelino Ferreira Torres aplicam a Marco de Canaveses em geral.

Bem ostenta ele o seu busto por estradas como esta. “Homenagem a Avelino Ferreira Torres, Lugar de Vinheiros, 1985”, diz a placa na berma, sob a cabeça do único autarca em Portugal que é

senador do CDS/PP e seis vezes foi eleito — apesar de diversos processos em tribunal, acusações de corrupção e peculato, denúncias de intimidação e agressão física, ameaças a jornalistas e árbitros de futebol, insultos a juizes e à Polícia Judiciária, cenas de cólera com destruição de equipamentos e uma dívida de 45 milhões de euros na câmara municipal que forçou o governo a tomar em mãos a vigilância das contas, impondo-lhe um plano de reequilíbrio financeiro.

Falência técnica, resumiu a imprensa. Uma falência que será um buraco para qualquer sucessor, dizem os políticos do Marco que ousam desafiar Avelino Ferreira Torres, desde o PSD à CDU, e vêem a sua actual candidatura independente à Câmara de Amarante como uma fuga para a frente.

Calúnias de “ratazanas e toupeiras”, de “uma meia dúzia de ratos, que só andam de noite”, de “cães ranhosos que nunca conseguiram digerir a derrota”, eis o nível com que Avelino Ferreira Torres tem respondido aos rivais, ao longo dos anos.

Amarante é “o apelo do berço”, clama este cidadão efectivamente nascido em Amarante a 26 de Janeiro de 1945, um homem que no Outono passado, ao assumir a contenda amarantina, não teve pudor em ser protagonista do programa Quinta das Celebidades da TVI e “até as cuecas mostrou” — fez questão de sublinhar o vereador marcoense Lindolfo Costa, apelando à memória fresca dos telespectadores.

Os mesmos telespectadores que tinham podido ver Avelino Ferreira Torres, meses antes, avançando por um campo de futebol, num jogo Marco de Canaveses-Santa Clara, aos berros e aos pontapés, em fúria contra o árbitro. Multado por “invasão de campo” e “incitamento à violência”, o autarca somou celebridade e seguiu. Comportamento “infeliz e inaceitável” — limitaram-se a dizer os responsáveis do seu partido, pela boca de Telmo Correia. “Comportamento incompatível com um Estado de direito”, indignou-se, entre outros, Augusto Santos Silva, do PS. “A coacção física e psicológica, a perseguição pessoal, a criação de uma rede de influências e controlos fora da qual se é um pária, o caciquismo, a absoluta irresponsabi-

lidade na gestão dos dinheiros públicos, a autoglorificação, tudo isto o põe do lado de lá do que para mim é a fronteira claríssima da democracia”, escreveu Santos Silva sobre Avelino.

“Essa do défice democrático é uma das coisas que me custam a engolir, porque não sei o que é”, disse há uns anos numa entrevista Avelino Ferreira Torres. “Os filósofos é que falam do défice democrático, mas é ver o que esses filósofos conseguiram fazer até hoje.”

Avelino orgulha-se, por exemplo, de ter feito “mais de mil quilómetros de estrada”. É coisa que se nota, uma estrada, como esta em Vinheiros. Menos notórias são as fossas sépticas ao lado dos poços de onde famílias como as de Maria Adelaide e Maria Ilda tiram a água que bebem. As redes públicas de água e saneamento não as abrangem. É como o problema da escola. Alcatrão e betão não resolvem a fossa — económica, social e, literalmente, séptica.

Tomando o Censo de 2001 como referência chave, 76 por cento da população de Marco de Canaveses não tem acesso à rede de água e 82 por cento não tem acesso à rede de esgotos. Uma diferença brutal em relação às médias nacionais (respectivamente, 20 por cento e 42 por cento), mesmo que tomemos como referência alternativa os dados fornecidos pela própria câmara ao Instituto Nacional de Estatística (55 por cento de cidadãos fora da rede de água, 76 por cento fora da rede de esgoto).

Ao pé de semelhantes indicadores básicos de saúde pública e desenvolvimento, será quase frívolo relevar que neste concelho com mais de 52 mil habitantes não existe uma só livraria e que o único nome artístico que Marco de Canaveses deu ao mundo, Carmen Miranda, é hoje o nome de um modesto museu — fechado.

Quininha não lerá isto. Nunca foi à escola. Está na faixa estatística dos 14 por cento de marcoenses sem qualquer nível de ensino (dados do Censo). E naquela larguíssima faixa já citada dos que têm fossa no quintal. Não em Vinheiros, Soalhães, mas em Vila Boa do Bispo, outra freguesia do concelho.

52

mil habitantes

8,3%

taxa de abandono escolar
(média nacional é de 2,7%)

52,5%

taxa de saída antecipada da escola
(média nacional é de 24%)

76%

não tem acesso à rede de água
(média nacional é de 22%)

82%

não tem acesso à rede de esgotos
(média nacional é de 42%)

Vai para os 70 anos, Quininha — Joaquina Augusta por extenso. Lenço preso atrás das orelhas, brincos de ouro, casaco de malha por cima da bata, meias de lã com socas, nenhum dente entre os caninos, pêlo rijo no queixo. Esta casa veio da madrinha, passou aos pais, ficou dela. Uma casita de telhado velho, mal rebocada, ao fundo de uma ruela, com um lanço de escadas sem corrimão e um patamar com uns arames a fazer de varandim, em que ela vive sozinha, mas nada amarga. Calhou assim. Nem marido, nem filhos. “Nunca tive quem me quisesse... ou nunca tentei. Não me puxou a ideia. Punha-os a andar, eles já sabiam. Enquanto fui nova, não me apeteceu. Ia casar depois de velha?”

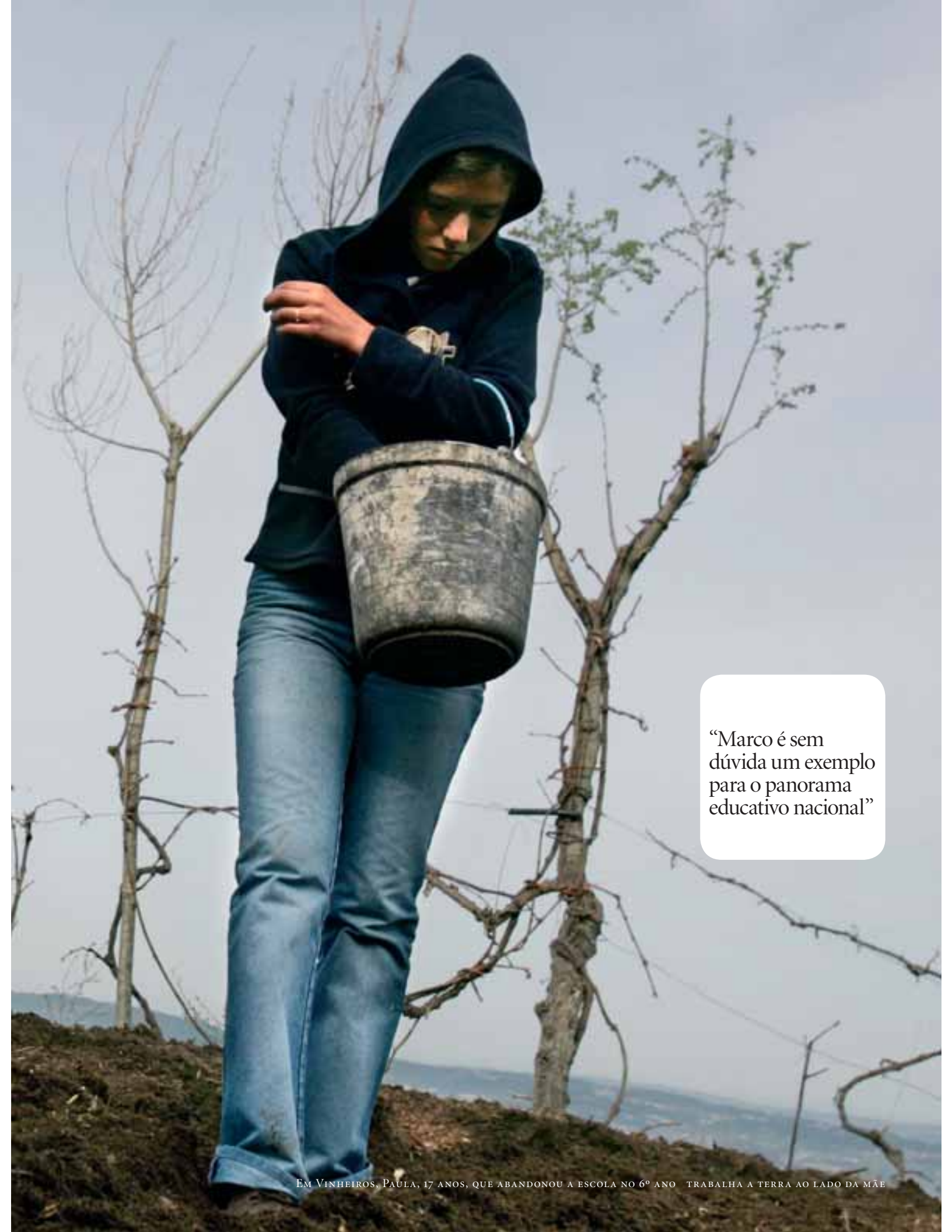
Conta isto na cave, que é onde está o tesouro, um tear de lã, entre caixotes de batatinhas e tangerinas, chapéus de palha, réstias de alho, roupa velha.

Fia felpudos fios cor de leite, fazendo crescer o tapete que lá estava parado. “Já o comecei há um mês e ainda está no princípio. Às vezes passo semanas sem vir aqui. Isto é só para mim. É porque gosto, como uma recordação antiga que tenho aqui. Quando me dão saudades, teço um bocadinho.” As mãos nodosas movem-se sem parar. “Vender, não o vendo. Hei-de morrer e ele há-de ficar. Só se houver uma avaria, um incêndio...” A luz para fiar vem de uma meia porta lateral, com uma janela de plástico. “Não é bonito, mas se há chuva não espilha cá para dentro...”

Sai-se da cave pelo quintalito. Lá dentro a casa está um mimo, com rosas frescas, naperons sem vinco e amêndos coloridos, porque foi Páscoa, e “a cruz andou pelas portas”. Há um relógio de tiquetaque, um terço pendurado no interruptor, uma renda sobre a televisão. E fotografias emolduradas dos pais, dos irmãos que foram para Angola, de Quininha mulher feita, ar vivo, mãeiro. O mais longe que conhece é Fátima.

Na cozinha tem um braseiro no chão, para aquecer de Inverno, com um banquinho ao lado. A porta dá para a rua, dominada por uma flamejante mansão amarelo-canário, com escadaria em granito, estátuas, palmeiras e relvado. “Para dizer que gosto, não gosto...”, confia Quininha, à despedida. “Assim estragou a vista a esta, que já não →





“Marco é sem
dúvida um exemplo
para o panorama
educativo nacional”

EM VINHEIROS, PAULA, 17 ANOS, QUE ABANDONOU A ESCOLA NO 6º ANO TRABALHA A TERRA AO LADO DA MÃE

QUININHA, 70 ANOS, QUE JÁ FOI PADEIRA, EM VILA BOA DO BISPO



ROSÁLIA MONTEIRO
33 ANOS
ASSISTENTE SOCIAL

Agora toma conta da serralharia da família, e não estranharia que Avelino voltasse a ganhar as eleições. “O Marco, hoje, talvez seja a imagem do que são os objectivos e a forma de pensar dele. Quanto mais as pessoas viverem na ignorância, menos têm capacidade para mudar”.

→ dá clareza como dava. E também não gosto daquela cor...”

Cor de quem fez dinheiro e mostra. Vila Boa do Bispo – os cisnes de pedra nos muros, os telhados suíços de quem andou emigrado em Yverdon-les-Bains, tanto azulejo, tanto repuxo, tanta concha betumada. E os carros passam a reluzir, novíssimos, topos de gama.

Três mil e 300 habitantes para 13 oficinas de automóveis, eis uma estatística que não virá no Censo. É António Teixeira, 50 anos, presidente da junta, quem a revela, com a farda de quem sabe do que fala, a do seu próprio stand, abrilhantado por um Rolls Royce de gema. Além dos automóveis, aqui “vive-se do pequeno comércio, da construção civil, das pedreiras”, e “nestes últimos dez anos voltaram umas cinco dezenas de emigrantes” das zonas de Genebra, Lille, Frankfurt. “É a freguesia mais rica em termos culturais. A nível desportivo temos todas as modalidades, hóquei, karaté, futebol de salão, futebol de onze, incluindo dança contemporânea e movimento, temos rancho folclórico...”

Em tudo pontifica a Fábrica da Igreja, “o grupo que se encarrega da catequese, da missa, das obras”, presidido pelo

padre Vales, que também é presidente da Casa do Povo, da qual dependem os desportos e o centro de dia, o que mexe na colectividade, portanto.

Talvez por isso o padre Vales, 68 anos, diga naturalmente “a minha população”, quando fala dos paroquianos, que considera serem todos os cidadãos da freguesia. Desde antes da revolução que faz aqui serviço, estenatural de Penafiel, figura austera, lábios finos como uma linha. Reside na casa paroquial, junto à Igreja e ao Mosteiro de Santa Maria de Vila Boa do Bispo, lugar milenar, com uma vista deslumbrante sobre o rio e estátua a Dom Afonso Henriques.

O mosteiro, antiga pertença dos cónegos regrantos de Santo Agostinho, preserva um túmulo do século XI e azulejos do século XVII e é hoje propriedade privada. A igreja tem vestígios românicos e um fantástico tesouro em talha dourada joanina nos altares, a precisar de intervenção urgente.

“A talha está a desprender-se, o arco já está a dar, o coro ameaça ruína...”, aponta o padre Vales, que entende ser da competência do Estado financiar as obras, já que o conjunto está classificado como monumento nacional desde 1977. “Cabe aos Monumentos Nacionais resol-

ver este problema, a paróquia não tem os meios de o fazer.”

Há um peditério em curso, mas para pagar a compra da Capela de Santo António, que fica no topo de um monte aqui por cima, e custou 185 mil euros. A críticas quanto à pertinência e ao custo deste investimento, o padre Vales responde que o proprietário do monte se preparava para o vender e havia o risco de que “viesse um estranho construir ali o que lhe apetecesse”. Pediu, pois, autorização ao bispo do Porto para a compra. “Não digo se o preço foi justo ou não. Houve que aproveitar a oportunidade, as condições eram óptimas, distribuído o total por quatro ou cinco prestações, sem juros. E a partir do momento em que se comprou foi preciso angariar fundos”. Até agora, com o contributo da sua população, já pagou mais de 40 mil euros.

Sendo pároco de uma igreja assim antiga, que visão tem o padre Vales da que pós Marco de Canaveses no mapa da grande arquitectura contemporânea, atraindo arquitectos e visitantes de todo o mundo, a Igreja de Santa Maria, de Álvaro Siza? “Acabo por gostar dela, eu que tenho cultura de arte, como obra de arte moderníssima. Mas aquela parte das pessoas poderem olhar para fora... distrai. É o Siza Vieira... Acho uma arquitectura despida de mais.” E como têm sido as relações com Avelino Ferreira Torres, ao longo de todos estes anos? “Relativamente boas. Não tenho razões de queixa.”

Mais expansivo se mostra o padre Carvalho, 60 anos, quer quanto à obra de Siza, quer quanto ao presidente da câmara. É pároco na freguesia de Tuias, onde é paroquiano Avelino Ferreira Torres e se procedeu recentemente a uma vasta ampliação da igreja original do século XVIII, coisa de se ver a toda a volta e à distância. Onde antes havia um caminho de terra fez-se uma avenida nova, a desembocar num adro gigante. “Os arquitectos são da câmara”, explica o padre Carvalho, que veio de Felgueiras para aqui em 1983. “A câmara deu a mão-de-obra toda, as máquinas e nós pagámos os materiais.” Cá está a placa em azulejo, a agradecer, datada de Agosto de 2003: “A arte na casa de Deus pelo empenho do homem e

do autarca, Avelino Ferreira Torres, na ampliação da igreja e arranjo da zona envolvente quando era pároco António de F. Carvalho.”

O padre Carvalho, que parece um sócia de Alberto João Jardim, como já lhe têm dito, abre os braços para a amplitude do adro, onde nesta manhã de semana não há vivalma, parcialmente conquistado a vinhas velhas. “Não é preferível ter isto do que uma ramada para fazer duas ou três pipas? Isto dá para uns milhares de pessoas...” Tem um anexo com instalações sanitárias e tudo.

Cabeça erguida para a fachada de duas torres, o pároco explica como a da direita “é uma autêntica fotocópia” da original, que era só uma. Uma questão de simetria. “Se eu não contasse com a ajuda da câmara, não me metia nisto, tinha remendado e de resto estava quietinho”, diz o padre Carvalho. “Dei ao corpo ao manifesto, fiz apelo aos paroquianos, na Lotaria de Reis sorteámos um automóvel...” De resto, houve “pessoas amigas” que também ajudaram, como Belmiro de Azevedo.

Lá fora fica o centro de dia, com janelas de alumínio verde, construído há nove anos. “A câmara ajudou bastante, em materiais, em mão-de-obra, o bolo principal foi a câmara.” Porque é que não funciona?, há quem pergunte, pela freguesia. “Como centro de dia não chegou a funcionar”, admite o padre Carvalho. “Não teve aderência, as pessoas não quiseram vir.” Mas chegou a abrir? “Não, não teve aderência”, repete. “Funciona para catequese. E nas férias já tive aqui uns jovens.”

Os sinos do meio-dia ribombam, à altura da vasta obra de ampliação da igreja de Tuias. Que pensa então o padre Carvalho da muito menos visível igreja de Álvaro Siza, tanto é o que tem à volta, lá no centro da cidade? “Pessoalmente, não gosto”, diz, franco. “Não gosto daquele tipo de arquitectura, aquilo dispersa um bocado. Gosto de uma casa minimamente mobilada, e uma igreja não deixa de ser uma casa. Acho muito despido...” A luz, concede,

“é formidável”. Já o som, “é uma mi-séria”. E a porta em simples madeira de castanho, alta de dez metros? “A porta... a porta... se me explicarem... assim à primeira, não entendo. Gosto do baptistério, uma coisa digna. Mas aquelas cadeirinhas... Até corro o risco de ser atrasado!” E ri.

Por ser homem de gosto muito diferente deste é que o então jovem pároco de Santa Maria de Marco de Canaveses, Nuno Higinio — também poeta, e actualmente a fazer um doutoramento em Filosofia Estética na Universidade Complutense de Madrid —, muito quis, e conseguiu, em 1989, que Álvaro Siza aceitasse desenhar a igreja nova da freguesia.

Avelino Ferreira Torres começou por reagir ao nome de Siza chamando-lhe “o comunista”, mas depois acolheu-o, ao seu estilo: quando o arquitecto foi levar o projecto para o processo de aprovação na câmara, Avelino disse-lhe imediatamente: “Está aprovado. Isto é uma democracia musculada.” As obras começaram em 1994, a inauguração fez-se dois anos depois.

Quem acompanhou de perto o sonho desta igreja — sendo amigo de Nuno Higinio desde a sua chegada a Marco de Canaveses como pároco, em 1988 — foi um ímpar contador de histórias, que mora para os lados do Estádio Avelino Ferreira Torres. Há que descer então das freguesias e enfrentar a cidade.

Tem um perfil de águia, João Custódio, e todo ele é movimento enquanto fala, com grande achamento de palavras, sem desdém do calão. Casou cedo, aos 18, quando a mulher tinha 14, porque “é de manhã que se começa o dia”, portanto tem já uma filha de 33, sendo ele ainda um jovem cinquentão, contabilista reformado, para efeitos de estatística, marcoeense de sempre, para o que aqui mais importa, e atento.



JOÃO CUSTÓDIO
5 2 A N O S
CONTABILISTA
REFORMADO

Amigo do pároco idealista Nuno Higinio, aprecia Avelino Ferreira Torres: “Ele é esperto e inteligente, não é qualquer doutor que o leva. As coisas más é que vão para a imprensa, mas ele é uma pessoa humana”.



MARCO FIDALGO
2 8 A N O
DESIGNER

Só vive no Marco por causa da namorada: “O Marco está fechado. Não tenho amigos aqui, não consigo. (...) É a cidade dos carros. De dia não se consegue estacionar, à noite é o vazio completo. Tudo isso sufoca”.

É ao ar livre, na avenida que leva ao estádio, sem paredes a atrapalhar o gesto, que ele lembra isto, e vale a pena não o interromper muito: “O padre Nuno foi uma pessoa diferente no Marco. Cativava as crianças, os jovens, que começaram a ir para a igreja. Fazia um funeral, um baptizado, um casamento, que lhe custavam dinheiro, deslocação, e não levava nada. Eu nunca fui uma pessoa ligada aos padres, vou à missa quando entendo, se for preciso não ir um ano, não vou. Mas ele é como um filho meu. Quando saiu daqui, foi como um filho que me saiu...”

E João Custódio bate com os punhos no peito. “Fugiu sempre para a pobreza. Nem conta no banco tinha. Fui-lhe abrir uma, onde ele foi juntando o que podia. Depois foi tirar o dinheiro para pôr na igreja! Esteve aqui 13 anos e foi daqui teso. Os padres recebem um dia de trabalho de cada paroquiano. Mas ele não andava a cobrar dinheiro às pessoas. E há padres que não entram com o compasso de Páscoa em casa ou não levantam o funeral enquanto a pessoa não pagar os direitos! Conheço padres que têm tudo, ‘padres’ há muitos, mas padres há poucos. O padre Nuno fugia, quando vinham aquelas pessoas de gravata. Aqui, quando foi inaugurado o estádio, e vieram aqueles cães todos do Porto, ele não foi. Ele também é terrum, é teimoso, lutou pela igreja, saiu e deixou a freguesia a chorar por ele, mesmo pessoas que não vão à igreja. Ele lidava com todos da mesma maneira, tanto fazia ser comunista como ser católico. Os drogados que aí havia... ele dava-lhes o dinheiro que tinha e à noite eles roubavam-no! Isto é uma pura!” Uma pura? “Uma pura verdade! Roubaram-lhe o computador. E ele a dizer dos drogados: ‘Se eu pudesse recuperar quatro ou cinco...’ Eles já presos, e ele ia vê-los todas as semanas!”

João Custódio sabia que mais tarde ou mais cedo Nuno Higinio se iria embora, para estudar. Mas, no seu entender, não foi só isso. “Quando há um padre bom, eles têm de parti-lo todo.” Eles quem? “Há um bispo no Porto... e eles tanto alevantam como deitam abaixo. A Igreja discrimina as suas próprias pessoas.” →



GIL MENDES

42 ANOS
PROFESSOR DESTACADO NO
SINDICATO DE PROFESSORES

Autarca na junta de freguesia de Ariz, militante do PSD, começou a filmar as obras de Avelino em 1995 e apresentou denúncia à Procuradoria Geral da República. Em 1999 pediu uma audiência ao presidente da câmara: “Começou aos pontapés, a cuspir, partiu-me os óculos, o dedo mindinho.”



LUÍS ALMEIDA

51 ANOS
ENGENHEIRO CIVIL

Candidato do PS à Câmara, tem uma empresa de construção civil. Arrasa a herança financeira de Avelino e avisa: “É um homem que foi e será julgado por muitos mais crimes”.

→ E como é que um homem assim amigo de um pároco idealista vê Avelino Ferreira Torres? “Eu posso mandá-lo foder que ele manda-me a mim também”, resume João Custódio, com o à-vontade de quem já jogou à sueca com o autarca. “Conheço-o há 40 anos. Ele nasceu do nada, tinha uma serração acolá, começou a desenvolver através do futebol, a ganhar nome. Ele é esperto e inteligente, não é qualquer doutor que o leva. As coisas más é que vão para a imprensa, mas ele é uma pessoa humana, se a senhora tem um filho doente, ele é o primeiro a contribuir. E há 15 anos, chegava-se ali ao centro e viam-se três ou quatro tascas. Isto desenvolveu-se 150 por cento. Habitações, tudo isto que aqui está [aponta a massa de construção à volta], isto eram campos e barracos...” O PS, diz, “nunca apresentou um candidato em condições”, se Avelino voltasse a correr pelo Marco “não há dúvida que ganhava” e “decerto não compra os votos”. É verdade que “a nível de haveres, ele tem muito”, mas “passa por um pobre de pedir”, quando anda na rua entre a gente. E é rijo, coisa em que João Custódio, que andou na guerra da Guiné, tem brio. “É gajo para andar comigo à batatada e ficar-se a rir. Não se deixa calcar. Uma ordem dele é uma escritura.”

Rosália Monteiro tem uma outra visão do que é o Marco, hoje. Onde Custódio vê desenvolvimento ela vê sufoco, e diz que “a responsabilidade de Avelino Ferreira Torres nisto é muita”. Foi jovem paroquiana de Nuno Higinio, empenhada nas actividades culturais — o grupo de teatro Cenateca, edições de livros, exposições —, e no apoio aos toxicodependentes, quando a droga começou a ser um problema no Marco e ninguém fazia nada. Um problema que ela continuou a conhecer, já como assistente social. Agora, aos 33 anos, Rosália está a tomar conta da serralharia da família, o que não a impede de criticar a explosão caótica da construção civil. “Construiu-se demasiado aqui, definitivamente. São prédios e mais prédios e mais prédios.”

MANUEL VALES NA IGREJA, MONUMENTO NACIONAL COM A TALHA A CAIR



E a comunidade não se desenvolveu. Quando, por exemplo, a paróquia de Nuno Higinio tentou criar um grupo de famílias de toxicodependentes, viu-se obrigada a desistir. “Tem a ver com a vergonha, com o facto de ser um meio pequeno. No Marco as pessoas vivem muito para si, há falta de pontos de encontro, de actividades, um teatro, um concerto, uma dança. Constroem-se coisas que depois não funcionam. Há espaços fechados, a cheirar a mofo.”

Mesmo esta praça onde Rosália está sentada — com a câmara, a pequena biblioteca, o museu (fechado) e uma esplanada nova no relvado com placa de inauguração por Avelino — podia estar viva, diz ela. Mas não se vê ninguém, numa manhã de sol.

“O Marco é um deserto. Essencialmente, vive-se para trabalhar. Quando queremos desenvolver a nossa sensibilidade, vamos a Amarante, a Penafiel, a Paredes...”

Nem a abertura ao rio sobrevive. “Com a barragem, a água subiu e toda a zona de Canaveses, em que havia areais e a ponte romana, está submersa.” É possível andar pela cidade e não dar sequer pelo Tâmega.

Depois da partida de Nuno Higinio, diz Rosália, as actividades esmorece-

ram. Um dia, ela acordou de manhã e tinham deitado abaixo o Cineteatro Alameda, onde a Cenateca fez espectáculos. Há o cinema, “mas o cinema não é para as pessoas conviverem”, ressalva. “Sou sócia da biblioteca e eles não têm dinheiro para comprar livros. E numa cidade como o Marco não acho estranho não haver livrarias.”

Como não acharia estranho que Avelino voltasse a ganhar aqui. “O Marco, hoje, talvez seja a imagem do que são os objectivos e a forma de pensar dele. Quanto mais as pessoas viverem na ignorância, menos têm capacidade de mudar. Quem sai e tem outras experiências questiona. Mas aqui os salários são baixos, há muita gente que é explorada, e pode vir a piorar. As pessoas não lêem...”

Desde que tenham dinheiro para pagar a casa e o carro...”

Para quem veio de fora, como o “designer” Marco Fidalgo, 28 anos, a cidade é “claustrofóbica”. Ele viveu em Setúbal, Porto, Lisboa, Portalegre e Évora, e se agora cá vive é por causa da namorada. Ajuda a respirar ser estudante de Escultura nas Belas-Artes do Porto, para onde o comboio continua a demorar uma hora e meia, duas. “O Marco está fechado. Não tenho amigos aqui, não consigo. As pessoas que que-

“É gajo para andar à batatada e ficar-se a rir. Não se deixa calcar. Uma ordem dele é uma escritura”

rem fazer alguma coisa vão-se embora. Eu acho que isto não é uma cidade. Palmela é mais viva do que o Marco e é uma vila. Vamos a Amarante beber café. Nos centros costuma haver orgulho, mas no Marco não se consegue identificar um centro. Aqui toda a gente tem carro, é a cidade dos carros. De dia, não se consegue estacionar, à noite é o vazio completo. Tudo isso sufoca.”

A única vantagem é o preço desta casa, um desafogado apartamento de quatro assoalhadas que custou, novo, 14.500 contos. Construiu-se tanto que a habitação é barata.

“O ‘boom’ foi em 1990-91”, situa Arlindo Vasconcelos, 58 anos, à secretária do seu gabinete de presidente de uma das maiores construtoras, na zona industrial do Marco. “Agora a imobiliária está praticamente a zero, com casas dez por cento abaixo do valor de há três anos. Então constata-se que havia excessiva construção para a situação de crise do país.” Esta empresa quase deixou o imobiliário, “salva-se pelas obras públicas”.

Há oposição a Avelino Ferreira Torres no Marco? “Há, mas nota-se pouco”, diz Filipe Baldaia, 27 anos, advogado, membro da Assembleia Municipal pela CDU. Uma ausência de visibilidade que atribui ao facto de os jornais e a rádio do Marco serem “dominados por este enredo de interesses que o Ferreira Torres criou”, do futebol aos bombeiros. “O Marco era um concelho atrasado antes dele, uma vila, é verdade que cresceu bastante em área edificada e população, e para as pessoas isto é positivo”, admite Baldaia, justificando as vitórias de Ferreira Torres. “Mas as pessoas confundem crescimento urbano e desenvolvimento.” Na Assembleia Municipal, conta, é normal Avelino “enxovalhar”

pessoalmente os membros da oposição. “Diz que há deputados que deviam ir mudar as fraldas e beber o biberão, em referência a mim, a outro que gosta de cavalos diz: ‘Você gosta é de andar no estrume...’”

O “outro” é Luís Almeida, 51 anos, candidato do PS à Câmara de Marco de Canaveses, proprietário de 16 cavalos lusitanos, uma “paixão”. Este engenheiro civil, que também gere uma construtora, está determinado a ser o sucessor de Avelino e arrasa a herança financeira por ele deixada. “Ferreira Torres colocou esta câmara em falência técnica. Passou a imagem de que fez muito, de que o concelho cresceu, quando há dívidas para pagar que vão demorar 20 anos. Quarenta e cinco milhões de euros, que, com os encargos dos juros, no fim vão acabar por ser 75 ou 80 milhões. Isso vai inviabilizar o investimento, o próximo presidente de câmara vai estar em dificuldades.”

Se for eleito, para contornar isto, Luís Almeida pretende, por exemplo, “retirar o que se gasta a mais no futebol profissional, que leva 500 mil euros por ano” de apoio. Acusando Avelino de estar “a tentar comprar o voto dos amarantinos com cheques às associações, viagens de helicóptero, a oferta de uma ambulância aos bombeiros...”, Luís Almeida interpreta assim a viragem a Amarante: “Ele está a fugir.” E mais diz: “É um homem que foi e será julgado por muito mais crimes. Se investigarem o que há, de certeza que encontram coisas muito graves.” Concretizando? “Corrupção, suborno, agressão...”

Quem se pôs a investigar por conta própria a utilização de meios camarários na esmagadora mansão/hotel que Avelino Ferreira Torres está a construir, num terreno imenso, foi Francisco Gil Mendes, 42 anos, professor destacado no sindicato de →



bovinus biologicus[®]



Mais saúde. Mais sabor. Mais confiança.



PRODUTOS DE
AGRICULTURA
BIOLÓGICA

Os produtos de Agricultura Biológica Pasto Real são produzidos sem recurso a pesticidas, herbicidas, adubos químicos, hormonas, organismos geneticamente modificados e sub-produtos de origem animal, respeitando assim o meio ambiente e o bem estar animal.

Este modo de produção exclusivamente natural dá origem a produtos saudáveis, saborosos e com maior valor nutritivo.

Pode adquirir os produtos Pasto Real nas lojas próprias, em Telheiras (21 754 51 30) e Av. de Roma (21 796 41 71), nos melhores espaços comerciais e através do site www.pastoreal.pt.